



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE  
PERNAMBUCO

CAMPUS RECIFE

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO

Especialização em Educação Ambiental e Cultural

MARIA ISABEL DE SOUZA COSTA

**LUGAR DE MEMÓRIA E SUA RELAÇÃO COM A FÉ: uma análise do Centro de  
Instrução Bíblico Visual, Cruzeiro de Poção-PE**

Recife

2022

MARIA ISABEL DE SOUZA COSTA

**LUGAR DE MEMÓRIA E SUA RELAÇÃO COM A FÉ: uma análise do Centro de  
Instrução Bíblico Visual, Cruzeiro de Poção-PE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Especialização em Educação Ambiental e Cultural do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco – Campus Recife, como requisito para obtenção do título de Especialista em Educação Ambiental e Cultural.

Orientador: Prof. Me. Nielson da Silva Bezerra

Coorientador: Prof. Dr. Adauto Gomes Barbosa

Recife

2022

C8371

2023 Costa, Maria Isabel de Souza.

Lugar de memória e sua relação com a fé: uma análise do Centro de Instrução Bíblico Visual, Cruzeiro de Poção - PE / Maria Isabel de Souza Costa. --- Recife: O autor, 2022.

48f. il. Color.

TCC (Especialização em Educação Ambiental e Cultural) – Instituto Federal de Pernambuco, Recife, 2023.

Inclui Referências.

Orientador: Professor Me. Nielson da Silva Bezerra.

1. Hierofania. 2. Memória. 3. Centro de Instrução Bíblico Visual. 4. Educação Ambiental. I. Título. II. Bezerra, Nielson da Silva (orientador). III. Instituto Federal de Pernambuco.

CDD 153.1 (22ed.)

MARIA ISABEL DE SOUZA COSTA

**LUGAR DE MEMÓRIA E SUA RELAÇÃO COM A FÉ: uma análise do Centro de Instrução Bíblico Visual, Cruzeiro de Poção-PE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Especialização em Educação Ambiental e Cultural do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco – *Campus* Recife, como requisito para a obtenção do título de Especialista em Educação Ambiental e Cultural.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado e **APROVADO** em 11 de maio de 2022 pela banca examinadora:

---

Prof. Me. Nielson da Silva Bezerra (IFPE/CGEO)  
Orientador  
Mestre em Educação – UFPE

---

Prof. Dr. Adauto Gomes Barbosa (IFPE/CGEO)  
Coorientador  
Doutor em Geografia – UFPE

---

Prof. Me. Gustavo Jaime Filizola (SE/PE)  
Examinador Externo  
Mestre em Educação, Culturas e Identidades - UFRPE/FUNDAJ

---

Prof. Dr. Marcos Moraes Valença (IFPE/CGEO)  
Examinador Interno  
Doutor em Pós Colonialismo e Cidadania Global - Universidade de Coimbra

Recife – PE

2022

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de agradecer ao Professor Marcos Valença e seus colaboradores, por sonharem e construírem esse curso de Especialização em Educação Ambiental e Cultural aqui em Pernambuco e ao IFPE por proporcionar que tudo se materializasse de forma tão transdisciplinar.

Agradeço aos meus companheiros e companheiras de curso, que fizeram dele uma experiência de vida e reinvenção de muita coisa que eu acreditava e passei a questionar e me reconhecer nesse espaço/tempo de narrativas diversas, mas sempre olhando para tudo com afeto.

Resistimos e ajudamos outras pessoas a resistirem junto ao pensamento separatista, buscando sempre unir todas as dimensões do conhecimento e sentir humano, para a vida que está ao nosso redor e em nós mesmos.

Sou imensamente grata pelos orientadores que esse curso me apresentou. Professor Nielson da Silva Bezerra, quando o conheci, estávamos indo para nossa primeira aula de campo e o senhor foi ao meu lado, comigo, em presença de espírito e falando com paixão da função de educador. Seu ser espiritual brilha e eu sou muito agradecida por tê-lo como orientador.

Professor Aduino Gomes Barbosa, sempre muito assertivo e claro, com uma delicadeza nas palavras que me mostra que o afeto é o melhor caminho para continuar seguindo. Aos dois, meu muito obrigada, vocês marcaram minha vida e continuarão presentes no meu coração, no sentido de referências de lideranças educacionais.

Agradeço, também, às lideranças do Cruzeiro de Poção e às pessoas que se disponibilizaram, participando das entrevistas, colaborando com suas fotos e me apoiando no trabalho de pesquisa de forma muito afetiva. Meu muito obrigada!

## RESUMO

O Centro de Instrução Bíblico Visual Cruzeiro de Poção, foi construído e idealizado por Frei Henrique Bröker, natural da Alemanha, no ano de 1961 na cidade de Poção-PE. O processo de construção do Cruzeiro de Poção, trouxe muitas transformações para a paisagem do município e na vida das pessoas, relacionadas a eventos espirituais da igreja Católica, eventos estes que estão vinculados ao tempo litúrgico, podendo ser caracterizados como práticas de hierofania, que fortalecem a conservação do espaço sagrado, como lugar de memória acerca da espiritualidade e conexão com o divino. Dessa forma, o trabalho teve como objetivo compreender o lugar do Centro de Instrução Bíblico Visual Cruzeiro de Poção, na memória coletiva dos poçoenses e seguiu a metodologia de entrevistas semiestruturadas, trabalhando com oito pessoas, indígenas (Povo Xukuru do Ororubá) e não indígenas. O critério foi de que cada pessoa entrevistada tivesse algum envolvimento com a construção ou com o local do Cruzeiro de Poção. Como resultados, foi possível perceber que o Cruzeiro é considerado um marco temporal no município, uma causa de transformação social, cultural, econômica e ambiental, no tocante a melhor qualidade de vida, geração de trabalho, modificação da paisagem e crescimento populacional. Frei Henrique ajudou as pessoas do pequeno município com donativos e objetos de uso diário, promovendo, assim, uma maior aderência das pessoas ao seu projeto, envolvendo todas as pessoas católicas nas atividades de desenvolvimento de hierofania, desde crianças a idosos. Para os aldeados do povo Xucuru do Ororubá, o Cruzeiro de Poção não faz parte da história do seu povo, no tocante à retomada do seu território, uma vez que, hoje, não reconhecem esse lugar como um lugar de cultos sagrados para seu povo, mas acreditam que a serra, em que o Santuário foi construído, fazia parte do território de habitação dos seus antepassados. Diante de muitas histórias que estão inacabadas ou perdidas em um emaranhado de narrativas, fazem-se necessárias novas pesquisas que possam elucidar questões como o patrimônio material, cultural e histórico do cruzeiro de Poção, bem como compreender as possibilidades de trabalho com a Educação Ambiental de participação comunitária no local.

Palavras-chave: Hierofania. Educação Ambiental. Catolicismo.

## ABSTRACT

The Centro de Instrução Bíblico Visual, Cruzeiro de Poção, was built and idealized by Friar Henrique Bröker, born in Germany, in 1961 in the city of Poção-PE. The construction process of the Cruzeiro de Poção brought many transformations to the landscape of the municipality and in people's lives, related to spiritual events of the Catholic Church, events that are linked to the liturgical time, and can be characterized as practices of hierophany, which strengthen the conservation of the sacred space, as a place of memory, about spirituality and connection with the divine. Thus, the objective of this work was to understand the place of the Centro de Instrução Bíblico Visual, Cruzeiro de Poção, in the collective memory of Poção residents. Following the methodology of semi-structured interviews with eight people, indigenous (Xukuru people from Ororubá) and non-indigenous. The criterion was that each person interviewed had some involvement with the construction or with the location of Cruzeiro de Poção. As a result, it was possible to perceive that Cruzeiro is considered a time frame in the municipality, being considered the cause of social, cultural, economic and environmental transformation, in terms of better quality of life, job generation, landscape modification and population growth. Friar Henrique helped the people of the small municipality with donations and objects of daily use, thus promoting greater adherence of people to his project, involving all Catholic people in hierophany development activities, from children to the elderly. For the villagers of the Xucuru people of Ororubá, the Cruzeiro de Poção is not part of the history of their people, regarding the resumption of their territory, since today, they do not recognize this place as a place of sacred cults for their people, but It is believed that the mountain range, on which the Sanctuary was built, was part of the territory where their ancestors lived. Faced with many stories that are unfinished or lost in a tangle of narratives, new research is needed that can elucidate issues such as the material, cultural and historical heritage of the Poção cruise, as well as the possibilities of working with participatory Environmental Education community on site.

Keywords: Hierophany. Environmental education. Catholicism.

## LISTA DE FIGURAS

- Figura 01:** Praça Monsenhor Estanislau Ferreira de Carvalho, a praça central da cidade, no ano de 1958. Fonte: Arquivo Ida Maria Torres.....21
- Figura 02:** Primeira cruz do Cruzeiro de Poção, posta e conservada pelo Tenente João Cordeiro, a qual está localizada na parte inferior da foto, a cruz superior foi posta pelo Frei, a qual é iluminada para ser vista da cidade, à noite. Fonte: Arquivo pessoal Geraldo Andrade..... 23
- Imagens 03:** Casas populares, em uma das ruas laterais. Fotos no ano de 2019. Fonte: Arquivo pessoal Isabel Souza..... 24
- Figura 04:** Praça Monsenhor Estanislau Ferreira de Carvalho. Fonte: Google Imagens..... 25
- Figura 05:** Aldeia Pão de Açúcar. Fonte: Arquivo pessoal Juliana Oliveira..... 26
- Figura 06:** Processo de construção e modificação da paisagem da cidade de Poção. Fonte: Arquivo pessoal Geraldo Andrade..... 27
- Imagem 07:** Vista do Cruzeiro de Poção do Alto. Fonte: Roberto Imagens, 2022 ..... 29
- Imagem 08:** Registro do Calvário de Jesus. Fonte: Arquivo pessoal Isabel Souza, 2022 ..... 31
- Imagem 09:** Monumento Divino Espírito Santo. Fonte: Ivanilda Torres, 2019 ..... 32
- Imagem 10:** Registro de parte da linha de tempo. Fonte: Arquivo pessoal Isabel Souza, 2022 ..... 32
- Imagem 11:** Registro do Construção do Calvário, processo de finalização do ambiente. Fonte: Arquivo do Cruzeiro de Poção, 1962..... 34
- Imagem 12:** Registro de momento de recreação, onde o Frei toca violino para as crianças do município. Fonte: Arquivo do Cruzeiro de Poção, 1962 ..... 34
- Imagem 13:** Aldeia Pão de Açúcar evidenciando o açude Pão de Açúcar, banhado pelo Rio Ipojuca. Fonte: Arquivo pessoal Paula Feitosa, 2022 ..... 37
- Imagem 14:** Aldeia Pão de Açúcar mostrando a presença da igreja Católica no território indígena. Fonte: Arquivo pessoal Paula Feitosa, 2022 ..... 38



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	09
<b>1.2 OBJETIVOS</b> .....	11
1.2.1 Objetivo Geral .....	11
1.2.2 Objetivos Específicos .....	11
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	12
2.1 Lugar de memória.....	12
2.2 Práticas de hierofania .....	14
2.3 Educação ambiental pós-colonial .....	16
<b>3 METODOLOGIA</b> .....	19
<b>4 RESULTADOS E ANÁLISE</b> .....	20
4.1 Contexto histórico e cultural de Poção antes da construção do Cruzeiro, por meio das memórias locais.....	21
4.2 Construção do Centro Bíblico Visual.....	27
4.3 Elementos que atraem a atenção das pessoas .....	28
4.4 Lugar de memória cristalizado no imaginário coletivo .....	32
4.5 Importância e impacto econômico que a comunidade indígena e não indígena atribui ao Cruzeiro de Poção.....	33
4.6 Impactos da construção do Cruzeiro de Poção para os indígenas do Povo Xukuru do Ororubá .....	36
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	39
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	41
APÊNDICE I .....	45
APÊNDICE II .....	46
APÊNDICE III .....	47

## 1. INTRODUÇÃO

O Cruzeiro de Poção foi criado em 1932, pela Paróquia Nossa Senhora das Dores, através da compra do terreno e erguimento de uma cruz no alto da serra, momento marcado pelos fiéis católicos que celebraram com procissão, cânticos e preces (BANDEPE, 1987). Isso aconteceu ainda quando Poção era considerada vila, sede do distrito do então município de Cimbres, que veio a ser chamada de Pesqueira em 1933. Foi na década de 1950 que Poção conseguiu sua própria comarca e se tornou município (CONDEPE, 2021).

Sua população era predominante de povos indígenas os quais se abasteciam do poço que deu origem ao nome da vila e, posteriormente, município. Os indígenas eram do Povo Xukuru e até hoje residem no distrito de Pão de Açúcar (BANDEPE, 1987; CONDEPE, 2021), que faz parte do território indígena de Cimbres, hoje dividido entre os municípios de Poção e Pesqueira.

Em 1961, o Frei Henrique Bröker, natural da Alemanha, encontrou o lugar sonhado aos 9 anos de idade, em Poção. A partir da sua descoberta e reconhecimento, o frei se dedicou à construção do Centro de Instrução Bíblico Visual, com o intuito de torná-lo um lugar destinado à evangelização dos fiéis católicos (BANDEPE, 1987; TORRES, 2016).

Formado em Engenharia Civil, Frei Henrique esteve à frente dessa obra e utilizou sua liderança espiritual para conseguir apoiadores para a realização do seu sonho, nos 3 hectares de terra destinados à construção do Cruzeiro. Iniciou suas atividades acolhendo as necessidades da comunidade local por moradia e itens essenciais a uma vida mais digna, como agasalhos, comida, cama, colchão etc. Assim ganhou apoio daquelas pessoas que não tinham muito para doar, mas se sentiam pertencentes à construção. Todos os recursos financeiros destinados às obras foram oriundos de seus familiares, parentes e amigos que viviam na Alemanha (BANDEPE, 1987).

A construção foi iniciada no ano de 1961, o mesmo ano em que o frei chegou à cidade, e foi inaugurada em 1964. Nesse processo, muitas pessoas já participavam das atividades que uniam espiritualidade, religião e cultura no Cruzeiro

de Poção, e isso ganhou dimensões regionais históricas, como o exemplo da consolidação da Romaria do Domingo de Ramos, a qual já acolheu cerca de 50 mil visitantes durante o dia (TORRES, 2016).

O Domingo de Ramos é como os cristãos revivem e comemoram a chegada de Jesus a Jerusalém, festividade que antecede o flagelo na cruz (AQUINO, 2020). Para a Diocese de Pesqueira, essa romaria abre o ciclo de romarias diocesanas, gerando deslocamento de fiéis e fortalecimento econômico e cultural católico no município.

Durante todo o ano, o Cruzeiro recebe visitas, mas é durante a Semana Santa que a comunidade tem o hábito de visitá-lo e vivenciar o espaço presente na cidade. Essa apropriação e vivência espiritual acontecem nas ações voltadas para o público católico nos eventos importantes para a comunidade, como retiros, missas, via-sacra etc. Esses eventos são fundamentais para a construção e o fortalecimento do sentimento de pertencimento e valorização da memória coletiva local, pois as pessoas que participaram da vida do Cruzeiro de Poção guardam memórias únicas que corroboram as memórias de outras pessoas que estavam no mesmo local (MIRANDA, 2019).

A memória de uma comunidade é construída a partir da memória consolidada dos indivíduos que vivenciaram e guardaram para si os fatos mais significativos referentes ao lugar, que geram valor afetivo, emocional e participativo nas pessoas que compartilham as mesmas experiências, tornando o espaço um “lugar de memória” (MIRANDA, 2019; VON SIMSON, 2020).

Certos lugares de memórias são espaços de referência para determinada prática, ligada a alguma religião, que conecta os fiéis ao sagrado, essas práticas são chamadas de hierofania (SILVA, 2019). Nesse contexto, as pessoas que utilizam esses espaços para as práticas de hierofanias, compartilham sentimentos de vivências afetivas ligadas ao lugar, o que lhes possibilita reviver lembranças importantes para o seu desenvolvimento pessoal, as quais marcaram suas trajetórias de vida e que são acessadas a partir dos sinais da historicidade formalizados por suas biografias (ANDRADE, 2008; DADALTO & PAVESI, 2020).

As memórias são parte importante do Cruzeiro de Poção, pois são elas que fortalecem a conservação do espaço sagrado como lugar de memória acerca da

espiritualidade e conexão com o divino. Registrar e estudar as memórias do processo de construção do sentimento de pertencimento ao lugar de memória será valorizar as pessoas e a cultura que se firmaram no tempo e espaço, para fomentar o desenvolvimento da história cultural no estado de Pernambuco, além de impedir que sejam esquecidas no espaço/tempo em que a vida das pessoas fora marcada.

Para tanto, as ideias sobre o passado atravessarão um processo de leitura da memória e narrativa da comunidade, a fim de expandir o futuro e permitir que novas histórias sejam contadas para além do que se conhece pela história oral (SANTOS, 2019). Esse processo compreenderá o contexto e as condições socioambientais do município de Poção antes, durante e depois da consolidação da construção do Centro Bíblico e utilizará as memórias das pessoas entrevistadas.

## **1.2 OBJETIVOS**

### **1.2.1 Objetivo Geral**

Compreender o lugar do Centro de Instrução Bíblico Visual Cruzeiro de Poção na memória coletiva dos poçoenses.

### **1.2.2 Objetivos Específicos**

- Estudar o contexto histórico e cultural que permitiu o surgimento do Centro de Instrução Bíblico Visual Cruzeiro de Poção.
- Analisar como as pessoas que vivenciaram a construção do Centro de Instrução Bíblico Visual Cruzeiro de Poção enxergam esse espaço na vida social e cultural da cidade.
- Entender o impacto da construção do Centro de instrução bíblico visual Cruzeiro de Poção na memória do povo Xucuru que habita Poção.
- Investigar a importância e impacto que a comunidade local, indígenas e não indígenas, atribuem ao Centro de Instrução Bíblico Visual Cruzeiro de Poção.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 Lugar de memória

As memórias estão cristalizadas em museus, comunidades, associações, imagens, santuários, monumentos, documentos, cemitérios, comemorações, e geram valor afetivo, emocional e participativo nas pessoas que compartilham as mesmas experiências; estes são os chamados “lugares de memória” (MIRANDA, 2019; VON SIMSON, 2020).

Certos lugares de memória são espaços de referência para reviver lembranças importantes, e trazem consigo sentimentos e vivências afetivas ligadas ao emocional, pertencimento, envolvimento e desenvolvimento pessoal, os quais são demonstrados de acordo com o que o indivíduo viveu até o presente (ANDRADE, 2008; VIEIRA, 2018). São sinais do passado que formam a historicidade. Conforme Dadalto & Pavesi (2020, p. 143):

Os sinais da historicidade estão impregnados pelas biografias individuais e coletivas, pelas finalidades humanas, pelas configurações das atividades produtivas, pelas interações socioculturais, patrimoniais e institucionais estabelecidas.

As práticas cotidianas são as responsáveis pela construção do lugar de memória, a qual se dá pelas relações de sociabilidade e vivência cultural comum, através do compartilhamento de experiências, confirmação das identidades e do sentido de territorialidade e pertença à cultura local, funcionando como suporte da memória coletiva e da identidade social (CRESTANI & KLEIN, 2017; SANTANA & SIMÕES, 2015).

Para Gevehr (2016, p. 950), “[...] a memória não é apenas conquista, mas também um instrumento de poder”. A formação de memórias duradouras passa pelos processos de vivência, seleção, adição e consolidação, os quais se tornam mais resistentes aos acontecimentos da vida, tornando-as simbólicas para as pessoas que as possuem (IZQUIERDO, 1989). Essas memórias consolidadas, muitas vezes, são fontes de conquistas sociais, as quais corroboram uma construção sociocultural mais igualitária.

Memórias recentes são mais fáceis de serem descartadas no processo de seleção, pois o cérebro guardará as informações e vivências que forem mais importantes para o indivíduo. Nesse período, acontece a adição, que são informações importantes que enriquecem a memória recém-adquirida. Quando essa memória ocupa espaço importante na vivência da pessoa, ela passa a ser consolidada, o que garante a ela permanência e não esquecimento (IZQUIERDO, 1989).

As memórias são parte da construção da história, seja de uma pessoa, comunidade, município, estado, região ou nação. São resultados de experiências vivenciadas no coletivo, individualmente, num grupo de amigos, na escola, na igreja, numa festa, onde outras pessoas estavam presentes, cada uma guarda memórias do que foi importante para o seu desenvolvimento pessoal (MIRANDA, 2019). Para Santana e Simões (2015), a memória também é um processo de ordenamento na produção de sentido, em que cabe enquadramentos, esquecimentos e silêncios.

A vivência em coletividade permite que as pessoas adquiram memórias duradouras e compartilhadas. Segundo Halbwachs,

[...] a lembrança necessita de uma comunidade afetiva, cuja construção se dá mediante o convívio social que os indivíduos estabelecem com outras pessoas ou grupos sociais, a lembrança individual é então baseada nas lembranças dos grupos nos quais esses indivíduos estiveram inseridos. Desse modo, a constituição da memória de um indivíduo resulta da combinação das memórias dos diferentes grupos nos quais ele está inserido e conseqüentemente é influenciado por eles (HALBWACHS, 2013, p. 248).

Utilizar as memórias dos atores factuais é reconstruir o passado e trazer para o presente os fatos mais marcantes e importantes para a comunidade em evidência, os quais são lembrados por algum evento, música, cheiro, sabor, cujos aspectos envolvem a comunidade diretamente (MATOS & SENNA, 2011).

Assim, entende-se como fundamental, identificar as singularidades das memórias disponibilizadas na oralidade, nos documentos e fotografias, pois são essas memórias que fortalecem as narrativas que constituem a história local, passíveis de reconhecimento pelos cidadãos, pois estará construída por vozes diversas, as quais representam diferentes olhares para o lugar de memórias (CLEONICE, 2017).

Nessa perspectiva sobre conhecer as histórias já cristalizadas no imaginário coletivo, se faz importante expandir o futuro, fazendo que a história seja confrontada em diversos contextos sociais, culturais e ambiental, permitindo que novas narrativas sejam contadas (SANTOS, 2002), diminuindo a hegemonia etnocultural, mergulhando nas raízes de um passado recente, proveniente de potências colonizadoras e imperialistas (MATA, 2014).

Para Krenak (2020), houve uma perda da memória coletiva, que se iniciou com uma ruptura da identidade ancestral, o que levou uma grande parte da humanidade à alienação do que era estar em coletividade e em harmonia com o ambiente que o cerca.

## **2.2 Práticas de hierofania**

As práticas de hierofania são manifestações religiosas em um determinado local, o qual apresenta características que, para os fiéis, os aproximam do sagrado. Tais espaços, quando transformados em sagrados, não se tornam assim por si só, mas pelo uso dado pela comunidade. Esses lugares podem ser montanhas, espaços abertos, cavernas, pedras, que se tornam o espaço onde os fiéis podem se comunicar com Deus (SILVA, 2019).

Ações da instituição religiosa se expressam em determinado espaço sagrado, identificado como santuário, com limitações em representações simbólicas apropriadas de determinado carisma. Os santuários são expressões concretas, geradas a partir da direção da igreja Católica, na medida em que as relações de poder estabelecem a associação institucional, produzindo marcas na paisagem de ordem monumental (GIL & GIL FILHO, 2010).

As ações espirituais realizadas em determinados locais sagrados podem ser expressas utilizando elementos antrópicos ou elementos naturais, contidos no ambiente. Os indígenas se utilizam dos elementos naturais para se comunicar com a natureza sagrada, a qual se comunica com a comunidade e determina rituais e seu estilo de vida (KRENAK, 2020).

Para Silva (2019), os espaços destinados à prática de hierofania não são homogêneos, pois podem ser palco para diversas manifestações culturais, as quais

podem ser sagradas ou não sagradas, dependendo do público que o frequenta e faz daquele espaço um lugar de manifestação da cultura.

Há um espaço sagrado e há outros espaços não-sagrados. O primeiro é uno, forte, indivisível, significativo, real; nele vive-se a experiência sagrada. Em contraposição, os espaços não-sagrados são sem estrutura ou consistência, amorfos, caóticos, neles vive-se a experiência profana, que se opõe a experiência sagrada. (SILVA, 2019, p.232)

Para caracterizar o espaço como sagrado, é necessário que existam qualidades que o diferenciem do espaço profano, ou seja, que as práticas de hierofania sejam manifestadas de forma a sacralizar aquele espaço como sagrado de domínio religioso, podendo ser através de pessoas, coisas, objetos, estrela ou montanha (SILVA, 2019).

O espaço se torna sagrado quando o local está presente na memória daquele povo, de forma que se utilizam do espaço como parte de suas vidas, sem desvincular a história do espaço sagrado com a sua história de vida, construindo, assim, o sentido da sua cultura simbólica (ZULUAGA & RODAS, 2019).

Sendo assim, os templos não são apenas lugares destacados no tempo/espaço, mas um lugar que as pessoas visitam com o intuito de desfrutar a essência do lugar, através de suas práticas religiosas. Tais lugares não devem ser caracterizados pela quantidade de fiéis presentes, mas pela evidência do significado dele para os devotos, refletindo sobre a essência das coisas, objetos e monumentos (ROSENDAHL, 2014).

As marcas religiosas expressas em determinado local e/ou santuário, próprio do imaginário católico, evocam o contato do fiel com o divino a partir da materialização da graça alcançada no ato de fé, momento de manifestação da sua gratidão ao Deus cultuado no templo/santuário que o rito religioso consagra, o qual foi incorporado ao lugar sagrado (GIL & GIL FILHO, 2010).

A caracterização de lugares sagrados permite que o espaço seja utilizado com maior respeito, compreendendo-se que são espaços de preservação e de valorização das suas estruturas naturais e ambientais que circundam a área de utilização para as práticas de hierofania.



Os templos são ambientes denominados como “a casa de Deus”, escolhidos antes mesmo de serem modificados com construções e edificações. Os templos são construídos quando o lugar já está consolidado como ambiente sagrado: uma forma de a humanidade consagrar a Deus uma parte do local escolhido, retirando-o do caos humano, recriando a ordem no cosmo, separando o sagrado do profano, sacralizando o lugar (DIEZ, 2011).

O Brasil apresenta a cultura de consagrar lugares elevados como espaços privilegiados para a morada do sagrado e da construção dos templos de oração (SILVA, 2019). O Nordeste do país tem exemplos claros de lugares sagrados destinados às práticas religiosas, como o Centro de Instrução Bíblico Visual Cruzeiro de Poção, no agreste pernambucano.

A inter-relação da cultura e ambiente se torna importante para a preservação não só da cultural local, mas também do espaço natural, uma vez que o lugar só é identificado como sagrado, por apresentar suas características naturais de fauna, flora e formação geológica. Por essa razão, faz-se necessária a utilização da Educação Ambiental e Cultural, a fim de preservar o lugar para seu uso contínuo, sem perder o sentido de uma cultura que se propõe a combater as injustiças e desigualdades sociais de acesso e pertencimento ao lugar (JACOB, 2003).

### **2.3 Educação ambiental pós-colonial**

Por muito tempo, a Educação Ambiental (EA) foi exclusivamente ligada ao ensino de ciências, estando atrelada ao discurso progressista. Mas, a partir da década de 1977, com a Conferência Intergovernamental de Tbilisi, a EA passou a ser tratada como ferramenta transdisciplinar no combate a problemas ambientais e de qualidade de vida, ampliando sua utilização para todas as áreas do conhecimento e da vivência social responsável (SOFIA, *et. al.*, 2017).

Existem vários desafios para as questões ambientais, desde questões específicas às questões gerais, que envolvem dimensões globais. Assim, faz-se necessário pensar a EA de forma integralizada às demandas sociais e culturais, uma vez que a solução de problemas e conflitos não surge utilizando-se apenas um ramo do saber (NEIMAN, *et. al.*, 2014).

A EA possibilita o questionamento do estilo de vida a que a sociedade adere e promove diálogos entre os atores sociais, para que a comunidade fortaleça laços afetivos e de pertencimento. A construção e o desenvolvimento do local precisam ser transparentes e claros, possibilitando a criação de uma nova realidade de forma participativa. Compreender essa forma de criação é utilizar a EA como ferramenta de transformação da realidade, combatendo as injustiças sociais e ambientais, reforçando o combate às desigualdades (JACOB, 2003).

A EA pode ser utilizada com diversas denominações, atendendo a diferentes demandas da sociedade, quando se trata de trilhas conceituais, práticas e metodologias com ramificações para o empoderamento e sensibilização de pessoas, criando um espaço que contemple o diálogo participativo e reconheça o contexto a ser trabalhado (CARVALHO & MUHLE, 2017).

Os contextos locais são importantes para identificar a complexidade de como a história foi construída, identificar essa complexidade permite que nenhum cidadão fique de fora. Segundo Santos (2020), para combater as desigualdades sociais que assolam o mundo, é preciso questionar as formas políticas que se baseiam no patriarcado em união com o capitalismo e o colonialismo, a fim de criar uma visão de mundo, superando o velho e todos os monstros que desfiguram o que existe, criando outros imaginários, muitas vezes destrutivos.

É preciso ouvir todas as pessoas, indígenas e não indígenas, os atores locais, os quais terão propriedade de falar sobre seus territórios e necessidades, a fim de diminuir as injustiças, violências e destruições desnecessárias, oriundas de ações colonizadoras e capitalistas (SANTOS, 2020).

A EA focada na perspectiva pós-colonial inclui os atores na tomada de decisões importantes para a comunidade, implicando a colaboração e construção do sentimento de pertencimento às práticas, fortalecendo as lideranças para o trabalho coletivo e participativo no local em questão, sem deixar de fora os povos originários e seus territórios.

Para Caporele (2017), é por meio do social que contextos de confiança, inclusão e equidade são propostos pelo estreito vínculo entre o ser e seu ambiente, respeitando e dando visibilidade às comunidades de determinada cidade ou região,

garantindo consenso, acordo e compromisso, baseados na cultura e diversidade locais.

Sendo assim, fortes ligações sociais são geradas e possibilitam a consolidação de memórias coletivas importantes para o desenvolvimento da história de um povo, comunidade e município. A EA foi utilizada como estratégia para a aplicação da educação popular de forma mais justa e igualitária, a fim de que a construção de conhecimento esteja aplicada na vida dos sujeitos (CARVALHO & MUHLE, 2017).

Diante da construção de uma cultura cada vez mais tecnológica e menos sustentável, as pessoas foram se distanciando dos problemas relativos a conservação e uso dos recursos naturais. Para que a EA seja utilizada, é preciso estimular uma nova consciência direcionada à percepção de meio ambiente como tudo aquilo que nos circunda e somos, incentivar estratégias de resolução de problemas voltados para a qualidade de vida.

Uma consciência ambiental seria um caminho para reinventar as cidades, a sociedade e os territórios alinhados ao encontro da conectividade das relações humanas através da cooperação, fortalecendo os vínculos e a reciprocidade da cidadania (CAPORALE, 2017).

Para Mata (2014), as relações de cooperação existentes entre as nações acontecem ao modo darwinista, conforme o qual as comunidades tradicionais são tratadas com subalternidade, embasadas na ideia da evolução cultural, em que as culturas seguem regras de hierarquia, levando a ideias de cooperação com a Europa ou ajuda ao desenvolvimento.

Para surgir uma igualdade entre as nações, é necessário se pensar na construção de novas perspectivas e construir novas epistemologias que sejam diferentes dos clássicos, analisando as relações de poder nas diferentes áreas do conhecimento, destacando as diferenças de etnias, raça, classe, gênero, orientação sexual, etc. (MATA, 2014).

### 3 METODOLOGIA

O trabalho foi realizado no Município de Poção, Agreste de Pernambuco, localizado a 240 km da capital do Estado, utilizando a abordagem qualitativa através da história oral com atores-chave para a construção da narrativa de forma participativa e dinâmica (TRIPP, 2005; MATOS & SENNA, 2011).

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas (Apêndice I e Apêndice II), utilizando um questionário com perguntas abertas, a fim de que o(a) entrevistado(a) tivessem liberdade de falar sobre o assunto. As entrevistas foram gravadas com o auxílio do aplicativo “gravador de voz” do celular de marca Samsung A30s.

A realização de entrevistas com pessoas de diferentes gerações, ou seja, as pessoas que trabalharam na construção do Cruzeiro, as que eram crianças na ocasião, e as que não conheceram frei Henrique Bröker, permitiram entender como elas enxergam o espaço na vida social e cultural da cidade, investigando a importância que cada um e cada uma atribui ao espaço, seja para um lugar de recreação e lazer, ou como um lugar sagrado e de evangelização da fé católica.

Para isso, foi utilizado um termo de consentimento livre e esclarecimento (Apêndice III), que foi assinado pelo entrevistado(a), permitindo a utilização das suas falas na pesquisa, garantindo que os nomes dos(as) entrevistados(as) foram trocados, para que suas identidades fossem preservadas. Esse documento trouxe segurança para o(a) entrevistado(a) e para a pesquisadora.

A análise de dados aconteceu através da transcrição das entrevistas dos(as) participantes da pesquisa, cujo conteúdo foi confrontado com os conceitos de hierofania, lugar de memória e decolonialidade, levando em consideração o envolvimento participativo da pesquisadora com o objeto de estudo, o Cruzeiro de Poção e trazendo de forma descritiva o contexto histórico da cidade do período de construção até a atualidade.

## 4 RESULTADOS E ANÁLISE

Foram entrevistadas oito pessoas, sendo quatro homens e quatro mulheres, dentre as quais, duas são indígenas do povo Xukuru e seis não-indígenas. Todas foram escolhidas com o critério de algum envolvimento ou contribuição com a história do Cruzeiro de Poção ou da comunidade em que vivem.

A coleta de dados aconteceu no período de 3 a 22 de agosto de 2021, com a colaboração de:

- Eduardo Henrique, que tem 21 anos, se considera pardo, segue as orientações espirituais da Igreja Católica Apostólica Romana e atua nas atividades desenvolvidas no Cruzeiro de Poção, de forma voluntária;
- Luíza Maria, de 43 anos, tem origem indígena, cultua a espiritualidade indígena e segue a liturgia da Igreja Católica; atua em sua aldeia e está presente em eventos relacionados à educação básica no lugar de memórias;
- João Carlos, de 90 anos, se identifica como moreno e segue as orientações da Igreja Católica; participou da construção do Cruzeiro de Poção, no papel de servente das atividades de sua construção;
- Juliana Andrade, de 69 anos, se identifica como morena, segue os ensinamentos da Igreja Evangélica Testemunha de Jeová e participou da construção do Cruzeiro na função de assistente administrativa do idealizador da obra sacra.
- Manoel José, de 86 anos, de origem indígena, também cultua as tradições da Igreja Católica e tem participação ativa na comunidade católica da cidade;
- Mônica Andrade, de 21 anos, se identifica como branca, segue os ensinamentos da doutrina Espírita, atuou de forma muito presente em atividades realizadas com jovens no Cruzeiro de Poção;

- Saulo Entes, de 34 anos, se identifica como branco, segue os ensinamentos da Igreja Católica Apostólica Romana, no momento da entrevista, atuava como Administrador do Cruzeiro de Poção;
- Tatiane José, de 70 anos, se considera branca e praticante da Igreja Católica; no período da construção do Centro de Instrução, morava na Zona Rural e participava das atividades no Cruzeiro, durante a administração do Frei Henrique.

Para compreender melhor o contexto histórico e cultural do município de Poção, os(as) entrevistados(as) responderam às perguntas de forma discursiva, explanando suas memórias referentes ao Cruzeiro de Poção.

#### **4.1 Contexto histórico e cultural de Poção antes da construção do Cruzeiro, por meio das memórias locais.**

Poção está localizado na “chapada da Serra Acaí”, nome de procedência indígena, derivado de um grande tanque formado de pedra natural, onde os índios se abasteciam d’água” (MELO, 1971, p. 9). Ainda segundo Melo (1971), o vilarejo foi fundado pelo Monsenhor Estanislau Ferreira de Carvalho, no ano de 1871, com a doação de terras de Francisco José Bezerra, que era conhecido como Chico Inspetor (FIGURA 01 e 02).

Imagem 01: Registro da Praça Monsenhor Estanislau Ferreira de Carvalho.



Fonte: Arquivo Ida Maria Torres.

Nesse período de formação do vilarejo, o catolicismo já estava presente, através das celebrações eucarísticas e catequese. Com o passar do tempo, novos

habitantes começaram a chegar, vindos de Cimbres, antiga cidade sede da região (Melo, 1971). Poção só se tornou município e conseguiu sua comarca em 1953, através da Lei Estadual nº 1.818 (CONDEPE, 2021).

Nesse contexto, Poção passava por várias mudanças, com novas condições políticas sobre o desenvolvimento municipal, bem como as dificuldades que a comunidade enfrentava no período de seca severa, quando ocorreram deslocamento de pessoas para novas regiões, a fim de encontrar melhores condições de vida (MELO, 1971). Essa perspectiva abre espaço para entender o impacto social, cultural, financeiro e ambiental da construção do Centro de Instrução Bíblico Visual Cruzeiro de Poção.

Para todas as pessoas entrevistadas, antes da construção do Cruzeiro de Poção, a cidade era um lugar com atividades básicas comerciais, e muitas famílias viviam em situação de vulnerabilidade social.

Aqui era um vilarejo... onde as pessoas eram muito pobres. E depois que Frei Henrique chegou e começou a construir o Cruzeiro, foi quando as pessoas tiveram a oportunidade de trabalhar... receberam muitas ajudas... tanto dele, quanto de pessoas lá da Alemanha, que também ajudavam... então, as pessoas tiveram oportunidades de ter vidas melhores... ter suas casas, né? Porque frei Henrique construiu casas para as pessoas que moravam no vilarejo... então, eu sei que as pessoas tiveram acesso a coisas mínimas que às vezes não tinham, como alimentação, moradia... (Trecho da entrevista com Mônica Andrade, em 21 de agosto de 2021).

Frei Henrique Bröker chegou à cidade em 1961, veio designado pela Ordem Franciscana, a fim de evangelizar a comunidade e trabalhar em prol da Igreja Católica e seus ensinamentos. Poção já era uma cidade com predominância religiosa católica, onde as pessoas se afirmavam como tal e a chegada do Frei, que tinha uma trajetória de peregrinação e missão, trouxe para a pequena cidade a ideia de construir um lugar de evangelização visto em sonho, quando ainda era criança (TORRES, 2016).

Conversando com a Senhora Juliana Andrade, pode-se entender a história por trás da ação e construção do Cruzeiro de Poção. Otto Henrique Bröker, era uma criança alemã quando sonhou com uma grande construção; nesse sonho, ele se via como padre e construtor de um local que serviria como destino para oração,

evangelização católica e reflexão sobre o cristianismo, especificamente, o catolicismo.

Quando se tornou missionário, tomou a decisão de viajar pelo mundo pregando o evangelho. Seu primeiro e único destino foi o Brasil, onde se ordenou Frade da Ordem Franciscana, na Bahia. Foi designado para várias cidades de diferentes estados, como Bahia, Amazonas, Alagoas e Pernambuco. Em Pernambuco, Frei Henrique foi enviado a Poção (TORRES, 2016).

Juliana conta que...

[...] quando Frei Henrique chegou... na entrada da cidade, ele disse que foi logo sentindo aquela alegria. O Frei se instalou na casa paroquial e logo foi conhecer os sítios e as comunidades do município. Quando alguém falou: tem a Serra do Dunga, que falta o senhor visitar, onde tem uma cruz, que o tenente (João Cordeiro) colocou pra ser o Cruzeiro... né?! Uma cruz de madeira. (Trecho da entrevista com Juliana Andrade, em 21 de agosto de 2021).

Imagem 02: Primeira Cruz do Cruzeiro de Poção.



Fonte: Arquivo pessoal Geraldo Andrade, 1965. Legenda: Registro da primeira cruz do Cruzeiro de Poção, posta e conservada pelo Tenente João Cordeiro, a qual está localizada na parte inferior da foto, a cruz superior foi posta pelo Frei, a qual é iluminada para ser vista da cidade, à noite.

Quando Frei Henrique foi visitar o então Cruzeiro da cidade, foi reconhecendo, aos poucos, o local que havia sonhado quando criança. Antes, a cidade contava com uma população muito pequena. Assim como hoje, sua maior população estava localizada na zona rural do município. Para chegar ao cruzeiro,



onde João Cordeiro colocara a cruz de madeira, a estrada era de terra e estreita, iniciando-se na Av. Maria Andrade, no Centro da cidade.

Ai quando ele chegou, mais ou menos da minha casa para baixo, só tinha mata, mata fechada... aí ele foi e viu o lugar do sonho... 'aqui, foi aqui que eu sonhei'... 'foi aqui'... ele chegou e viu o lugar do sonho que ele sonhou quando tinha 9 anos (Trecho do Diário de Campo, da entrevista com Joana Lopes, em 22 de agosto de 2021).

O sonho descrito por Juliana pode ser considerado uma profecia. Segundo o Dicionário Online de Português, profecia quer dizer “predição do futuro, que se crê de inspiração divina”. Dessa forma, o sonho foi uma visão do futuro que o Frei, ainda criança, conseguiu visualizar como e onde deveria construir sua obra, a qual deveria seguir os ensinamentos cristãos católicos.

Foi aqui que ele sonhou, foi aqui que ele viu... até no final do sonho, ele viu, do jeito que está agora. Ele viu essa casa, ele viu as casas populares (IMAGENS 04 e 05), [...] ficou muito emocionado... no outro mês, já começou a mandar limpar... (Trecho da entrevista com Juliana Andrade, em 22 de agosto de 2021).

Imagens 03: Casas Populares.



Fonte: Arquivo pessoal Isabel Souza. Legenda: Registro das casas populares, em uma das ruas laterais próximo ao Cruzeiro de Poção. Fotos no ano de 2019.

Provavelmente esse sonho era muito claro para o Frei, pois antes de conhecer Poção, ele já comentava que construiria um lugar bonito e que serviria para oração e evangelização. Isso pode ser inferido pela fala do Seu Manoel, o qual comentou que o Frade cogitava construir a obra, em Pão de Açúcar, hoje território indígena, homologado, do povo Xukuru do Ororubá, pois antes de ser enviado a Poção, atendia a comunidade, gostava muito do local e comentava com as pessoas

que construiria um cruzeiro. “Quando ele foi anunciando que ia construir esse Cruzeiro... ele ainda falou que ia construir em Pão de Açúcar...” (Trecho da entrevista com Manoel José, em 02 de agosto de 2021).

Segundo Diez (2011), os templos são construídos em espaços que já foram consagrados pela comunidade como espaço sagrado, são denominados como “a casa de Deus”. Neste lugar, celebrações são realizadas e o lugar se modifica com o propósito de consagrar parte do ambiente escolhido por Deus.

Para os povos originários, a natureza é tudo o que existe, e as rochas, montanhas, árvores fazem parte do cotidiano comunitário, uma vez que esses elementos naturais se comunicam com os povos e indicam o tempo e possíveis acontecimentos (KRENAK, 2020).

A serra onde o Cruzeiro de Poção foi construído era lugar de mata densa. Quando questionados(as) sobre a atuação dos povos indígenas no município e no lugar onde o Cruzeiro foi construído, ninguém soube dizer se havia alguma atividade dos indígenas, mas identificaram que a cidade de Poção era lugar de moradia dos povos originários, os quais eram instalados onde hoje é a Praça Monsenhor Estanislau Ferreira de Carvalho (FIGURA 06).

Imagem 04: Praça Monsenhor Estanislau Ferreira de Carvalho.



Fonte: Google Imagens, 2022.

Os indígenas viviam à margem de um poço que nunca secou, mesmo em períodos de estiagem severa. Isso mostra que Poção e toda a região era povoada por povos indígenas de etnias desconhecidas e após a colonização e dominação das terras, essas pessoas foram violentadas em prol de um desenvolvimento capitalista e hegemônico, que resultaria na diminuição do seu território.

Hoje Poção conta com a comunidade indígena, localizada no distrito de Pão de Açúcar (FIGURA 07), aldeia pertencente ao povo Xukuru do Ororubá, do território de Cimbres. Segundo Luíza Maria, foi a última aldeia a ser incluída no projeto de delimitação do território indígena, devido ao grande impacto provocado pela colonização.

Imagem 05: Centro da Aldeia Pão de Açúcar.



Fonte: Arquivo pessoal Juliana Oliveira, 2022.

Luíza conta que a aldeia de Pão de Açúcar está localizada às margens do Rio Ipojuca, local de muito interesse comercial, além de ter sido, no passado, um ponto estratégico, na rota para chegar até Poção. Muitos comerciantes passavam por lá para descansar ou pernoitar e, por essa razão, muitos passaram a viver no local; com a demarcação do território, essa logística foi modificada a fim de que tivessem mais autonomia e liberdade na aldeia.

Eu acredito fortemente que todos esses espaços eram, sim, povoados pelo povo Xukuru... e até mesmo pelos negros que fugiam e que aqui habitavam. Assim... quando a gente conversa com minha mãe e com os mais velhos... eles relatam que Pão de Açúcar, por ser uma comunidade que era na beira do Rio Ipojuca, ela se formou por pessoas que antes passavam por lá... pernoitavam para chegar aqui em Poção. E as pessoas que tinham um certo domínio... que tinham um poder aquisitivo, lá se instalavam e por ali ficavam e tinham interesse naquelas terras, por conta do rio... e por conta da proximidade com Poção... e na história da gente, enquanto povo Xukuru, Pão de Açúcar foi a última aldeia a ser reconhecida... e foi a última a ser homologada... exatamente porque as pessoas que lá habitavam tiveram uma dominação maior, né?! (Trecho da entrevista com Luíza Maria, em 17 de agosto de 2021).

Quando questionada sobre as atividades dos indígenas no espaço onde o Cruzeiro foi construído, Luíza conta que provavelmente era ocupado por indígenas

antes de eles serem dispersados pela colonização, o que fez que muitos indígenas procurassem outros locais para viver.

Seu Jurandir, também indígena do povo Xukuru do Ororubá, relatou que não recorda de nenhuma atividade indígena no local, assim como os demais entrevistados. Dessa forma, entende-se que o espaço sonhado, pensado e construído para o Cruzeiro não fazia parte de um lugar de culto indígena, mas isso não exclui a possibilidade da existência de indígenas na antiga Serra do Dunga.

#### **4.2 Construção do Centro Bíblico Visual**

Por se tratar de uma cidade simples e com poucos recursos financeiros, o frade buscou apoio dos familiares e amigos na Alemanha, assim como de pessoas que poderiam servir de aliados nesse processo de construção e transformação do ambiente, como prefeito, xerifes, padres, freis e fiéis católicos da cidade.

A construção se iniciou com a “limpeza” dos 3 hectares de terra, momento de modificação da paisagem, uma vez que toda a extensão do Cruzeiro se via destacada no horizonte (FIGURA 08). Nesse período, muitas pessoas da comunidade trabalhavam, cerca de 12 pedreiros e 24 serventes.

Imagem 06: Processo de construção e modificação da paisagem da cidade de Poção.



Fonte: Arquivo pessoal Geraldo Andrade, 1965.

De acordo com todos os entrevistados, os trabalhadores eram de Poção, mas as artes chegavam prontas de São Paulo, feitas pelo artista plástico Edgar Benda, com base nas fotografias que Frei Henrique fazia das pessoas posicionadas da

forma desejada. As peças, feitas em ferro, eram desenhadas pelo próprio Frei e enviadas a ferreiros de Poção.

Todos [os trabalhadores eram] de Poção; agora tinha um Edgar Benda, que morava em São Paulo... inclusive ele era alemão também... e era protestante, [...] foi ele quem fez todas as imagens do Cruzeiro. Frei Henrique tirava as fotos da gente, das crianças... e mandava pra ele e ele fazia... aí... vinha um grande carro baú, com as imagens prontas. Tem muitas coisas que Frei Henrique desenhava, né?! Ele desenhava e mandava ele fazer... mas a maioria foi feita por Edgar Benda, em São Paulo... (Trecho da entrevista com Juliana Andrade, em 22 de agosto de 2021).

Para os entrevistados e entrevistadas, o Cruzeiro de Poção é um espaço de oração, lazer, eventos religiosos e conexão com o divino, além de fonte de renda em determinados momentos, como na realização do Domingo de Ramos, onde ocorre o maior fluxo de pessoas na cidade.

O espaço se torna sagrado quando o local está presente na memória daquele povo, da forma que se utilizam do espaço como parte de suas vidas, sem desvincular a história do espaço sagrado com a sua história de vida, construindo assim, o sentido da sua cultura simbólica (ZULUAGA & RODAS, 2019).

Para Eduardo Henrique, o Cruzeiro de Poção representa uma fonte econômica e religiosa, sendo um lugar que conduz as pessoas para uma reflexão sobre a fé e a vida cristã. Para Juliana Andrade, ele representa a Bíblia aberta, pois há ambientes com representações bíblicas. Para Saulo Entis, o Cruzeiro representa um sinônimo de grande riqueza cultural, religiosa, além de ser um lugar onde se encontra paz de espírito.

Para Mônica Andrade, é um lugar de acolhimento, de conexão com Deus, de confraternização com família e amigos, além de ser o que destaca a cidade para o turismo religioso. Segundo a perspectiva do Senhor João Carlos, o Cruzeiro de Poção representa a transformação da cidade, trazendo melhorias para a vida dos cidadãos. Tatiane José conta que, mesmo sendo um lugar de oração, para muitos, representa um espaço para passear, namorar, se divertir ou apenas olhar.

Para o povo Xukuru, na fala do Senhor Manoel José, o Cruzeiro faz parte de uma tradição de visitas e oração. Para Luíza Maria, o Cruzeiro faz mais parte da

vida das pessoas que se relacionam com a cultura cristã católica, sendo visitado na ocasião de algum evento específico ou atividade turística para os indígenas da Aldeia de Pão de Açúcar. De maneira ampla, o Cruzeiro é “praticamente desconhecido” para as outras aldeias que não estão localizadas no município de Poção.

### **4.3 Elementos que atraem a atenção das pessoas**

Elementos sacros são objetos que possuem muitos significados, que estão muito além da ornamentação; eles unem as particularidades com o ambiente e com os materiais utilizados na confecção da obra (FABRINO, 2012).

O Cruzeiro de Poção conta com obras distintas em sua composição, localização e técnica de trabalho, as quais não possuem inventário sobre sua origem e materiais utilizados para sua confecção, podendo ser classificados como bens móveis e imóveis, os quais em sua grande maioria estão no mesmo lugar desde sua inauguração.

As obras e monumentos estão posicionados estrategicamente para conduzir os visitantes a uma reflexão sobre a fé católica, o Cruzeiro conta com um relevo elevado típico da região, onde há várias formações de morros, popularmente conhecidos como serras. Sendo assim, em vários pontos do lugar de memórias, é possível observar a paisagem que se forma no horizonte, na qual se notam as nuances e particularidades da caatinga (FIGURA 09).

Imagem 07: O Cruzeiro de Poção do Alto.



Fonte: Roberto Imagens, 2022.

Nesse contexto, a arte em monumentos e edificações se unem à vegetação e às particularidades naturais dos ambientes, a flora e a fauna, permitindo aos visitantes uma proximidade com o ambiente natural e com o modificado pelo homem.

Eu visito... e o que me leva lá é a imponência da natureza, assim, a preservação da natureza, o ar puro, sabe?! Aquele espaço ali, a força, a coragem do Padre de sonhar com aquilo ali... foi audacioso... então, de certa forma, nos ensina também... a ser audaciosos nos nossos planos e eu achei fantástica a ideia de deixar algo, né? (Trecho da entrevista com Luíza Maria, em 17 de agosto de 2021).

A fé das pessoas é um dos pontos mais importantes para que um espaço se torne um lugar santo, utilizado na promoção de atividades de hierofania, para a valorização da cultura relacionada ao lugar e às pessoas que o utilizam como lugar de fortalecimento da sua fé.

O Cruzeiro está localizado numa extremidade do município de Poção. De lá é possível observar a cidade e sua formação geográfica. João Carlos trabalhou como servente durante a construção do Centro Bíblico, seu trabalho estava relacionado ao transporte de material de construção. Ele conta que, mesmo o trabalho sendo pesado, sentia paz em trabalhar e visitar o lugar.

Saulo Entis, administrador do Cruzeiro, conta que, além do trabalho, o lugar o convida para uma consagração e doação, pois a paz que ele traz para seu espírito o fortalece “em todo lugar que a gente anda aqui, a gente tem aquele sentimento de paz e bem com o espírito, que a gente vem e leva pra casa, não é? Aquela sensação boa...” (Trecho entrevista com Saulo Entis, em 15 de agosto de 2021).

O sentimento de paz que o Cruzeiro transmite para as pessoas que o visitam é um dos elementos que foram relatados pelos entrevistados, o qual estimula sua visitação no espaço sagrado.

O Cruzeiro é um lugar que me passa muita paz... é um lugar que eu gosto de ir com as pessoas que eu amo, minha família, os meus amigos... e eu me sinto muito próxima de Deus... pelo fato de ser um local alto... eu acho que a gente sente um pouquinho como se estivesse mais perto do céu, né?! [...] então, é um local que passa muita energia boa, eu gosto de ir pra lá... (Trecho da entrevista com Mônica Andrade, em 21 de agosto de 2021).

A paz que muitos afirmam sentir está relacionada à fé que cada um e cada uma devota ao lugar, buscando nos elementos presentes no ambiente a conexão com o sagrado. Dentre os espaços mais indicados como os que as pessoas gostam de estar e visitar, estão o Calvário, o Divino Espírito Santo e a linha do tempo dos livros bíblicos.

O Calvário é a *Via-crúcis* brasileira, onde se encontra a representação da crucificação de Jesus, ao lado de dois ladrões. O evangelho bíblico de Marcos, capítulo 15, conta como aconteceu a morte de Jesus, expressando os personagens importantes dessa história: Maria mãe de Jesus, Maria Madalena, sua prima, e os soldados responsáveis pela crucificação.

Essa representação foi montada com estátuas de grandes dimensões, totalizando um ambiente com 10 metros de altura e 15 metros de comprimento, aproximadamente (FIGURA 17). Esse ambiente teve como inspiração a *Via-crúcis* da França, localizada na cidade de Lourdes, nas grutas Espélugues, lugar que servia de moradia para povos pré-históricos e onde Nossa Senhora de Lourdes apareceu 18 vezes aos moradores do vilarejo (TOURISME DE LOURDES, 2021).

Imagem 08: Calvário de Jesus.



Fonte: Arquivo pessoal Isabel Souza, 2022.

O Divino Espírito Santo é um monumento que foi construído no ponto mais alto da Serra, contando com um pequeno fragmento de mata e um espaço amplo.



Trata-se de um monumento em homenagem às vítimas do Holocausto durante a Segunda Guerra Mundial (FIGURA 11).

Imagem 09: Monumento Divino Espírito Santo.



Fonte: Ivanilda Torres, 2019.

A linha do tempo dos livros bíblicos está localizada ao lado da *Via-crucis*, ambiente trabalhado com a técnica no alto-relevo, imagens ilustrativas que contam a história do mundo, descrita em Gênesis, até a descida de Jesus da Cruz, para ser sepultado (FIGURA 12).

Imagem 10: Registro de parte da linha de tempo.



Fonte: Arquivo pessoal Isabel Souza, 2022.

Esses três ambientes que foram comentados pelos entrevistados e entrevistadas são os que mais marcam as pessoas questionadas, mas o Cruzeiro conta com outros ambientes que servem de inspiração para a reflexão e conexão com o sagrado, através de histórias bíblicas.

#### 4.4 Lugar de memória cristalizado no imaginário coletivo

A historicidade presente no Cruzeiro de Poção é extensa e plural, com algumas nuances do que as pessoas associam de imediato ao pensar sobre o lugar santo em questão. Para Dadalto & Pavesi (2020), a história de um lugar de memória está ligada de forma intrínseca à vida da comunidade e de quem convive ou conviveu com o espaço.

A permanência de histórias relacionadas a tais espaços só é possível quando, para a comunidade, ele representa significados relacionados à vida das pessoas e, por meio da história oral, essas narrativas são passadas pelas gerações até que se consolidem e sejam cristalizadas.

A busca da compreensão das memórias das pessoas permite que os entrevistados revivam ou relembrem o passado, pois a história oral está baseada em fatos consumados, os quais estão ligados à vida da comunidade, compreendendo como o indivíduo experimentou e interpretou tal acontecimento (FIALHO, *et. al.* 2020).

Quando questionados(as) sobre a memória mais marcante da história do Cruzeiro, o sonho profético do Frei Henrique é um dos mais comentados, é, de fato, um marco histórico na comunidade. A visão de uma grande obra por uma criança é considerada um sinal de Deus, visto que as condições de se tornarem realidade eram impensáveis no período do sonho, pois o lugar estaria em outro continente e em uma cidade pouco conhecida.

Assim, o início da construção do Cruzeiro de Poção se deu ainda quando Otto Henrique estava na Alemanha e sonhou com ele, desde o lugar até a sua finalização, sendo, também, essa a construção coletiva do lugar de memória que se iniciou por uma visão revelada em sonho.

Para as pessoas que vivenciaram a construção do Cruzeiro, as memórias mais marcantes estão relacionadas ao tempo de trabalho e à mudança da cidade, no tocante ao paisagístico, social e econômico. João Carlos relata que a sua primeira memória, ao pensar no Cruzeiro, é o Calvário, lugar que ajudou a construir e viu, sem modificações, até o que existe hoje (FIGURA 13).

Imagem 11: Construção do Calvário, processo de finalização do ambiente.



Fonte: Arquivo do Cruzeiro de Poção, 1962.

[...] num dia só... os *cabra* traçando o concreto e a gente carregando... levou 94 lata de concreto ali. Outros mexendo, a gente carregando e despejando lá, e um ajeitando com a colher pra ficar bem direitinho... [...] as cruz já lá... e amarrada nas cordas pra ela num jogar do canto... e... a gente enchendo, enchendo... (FIGURA 22) (Trecho da entrevista com João Carlos, em 02 de agosto de 2021).

Quando o Cruzeiro estava no período de construção, muitas pessoas se envolviam de forma voluntária. Na fala de Juliana Andrade, é possível perceber que o Frei Henrique envolvia as pessoas para as atividades, sejam elas adultas ou crianças (FIGURA 14).

Imagem 12: Registro de momento de recreação, onde o Frei toca violino para as crianças do município.



Fonte: Arquivo do Cruzeiro de Poção.

Quando criança, carreguei pedras para a construção... e várias crianças, né... várias crianças... a gente carregava pedras, ajudava. A gente ia de manhã, ia à tarde... frei Henrique levava muitas crianças, meninos e meninas... e isso ficou em minha memória, de quando estava construindo o Cruzeiro... (Trecho da entrevista com Juliana Andrade, em 22 de agosto de 2021).

O envolvimento de crianças no processo de construção abre espaço para questionamentos a respeito do trabalho infantil e do interesse entre as partes interessadas na construção, no tocante ao trabalho pesado e à utilização de mão de obra voluntária. Entretanto, é possível perceber a entonação de saudade e de esperança ao ouvir a senhora Juliana relatando sua participação no processo de construção do Cruzeiro.

#### **4.5 Importância e impacto econômico que a comunidade indígena e não indígena atribui ao Cruzeiro de Poção**

A construção do Cruzeiro de Poção foi iniciada em 1961, mesmo ano em que o frei Henrique chegou à cidade, e foi inaugurado em 1964. Os recursos vindos da Alemanha foram responsáveis pelo custeio das obras, empregando homens e mulheres nos serviços de construção e administração.

Todos os contratados e contratadas foram da cidade de Poção, fato que gerou muita comoção no município, pois além de proporcionar às pessoas emprego e melhoria de vida, gerou um sentimento de marco temporal na história do município, tanto para os que viveram a época, quanto para as gerações seguintes.

Era uma grande movimentação. Foi um marco, a construção do cruzeiro, pra toda a população daquela época, ajudando a todo mundo, ele trouxe um desenvolvimento, pra aquela época, não é? [...] Até meu conhecimento, as pessoas eram agricultoras... pessoas do campo, que vinham trabalhar aqui... a gente conhece relatos de pessoas que trabalharam aqui e foram muito satisfeitos em trabalhar com Frei Henrique... (Trecho da entrevista com Saulo Entis, em 15 de agosto de 2021).

O município de Poção foi considerado pelos entrevistados como humilde no período de construção do Cruzeiro, se compararmos com os dados do IBGE

(Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) no censo de 2010, percebe-se que pouco mais de 26% da população vive sem renda ou com menos de um salário mínimo. Dessa forma, acredita-se que as condições de vida no período de instalação trouxeram bastante impacto na vida das pessoas.

Além disso, vale lembrar que na década de 1960 não existia incentivos sociais, os quais passaram a existir em 2001, através da Lei n.º 10.219, de 11 de abril de 2001 (BRASIL, 2001).

Outro fator importante é que a renascença estava começando a se espalhar pelo município na década de 1950, período em que a arte deixava de ser restrita às religiosas do Convento de Santa Tereza, em Olinda, e passava a ocupar lugar nas casas das mulheres de Poção (ARACON, 2020).

Mesmo com a renascença atuando na vida das pessoas no município, trazendo renda para as famílias, a prática do artesanato não é tão rápido de aprender, e as pessoas precisavam investir nos materiais para confeccionar e negociar as peças.

A construção do Cruzeiro empregou pessoas e modificou toda a dinâmica da cidade, a cultura Católica e também a movimentação de pessoas, fazendo que o comércio se reinventasse para atender às necessidades dos visitantes, romeiros(as) e turistas. Por fim, tudo foi se transformando em confluência, permitindo que os habitantes do município encontrassem formas de vida mais confortáveis.

#### **4.6 Impactos da construção do Cruzeiro de Poção para os indígenas do povo Xukuru do Ororubá**

No século XVII, com a colonização portuguesa, os territórios indígenas foram sendo invadidos e explorados, o que não foi diferente com o território do povo Xukuru, na Serra do Ororubá, onde os padres Oratorianos chegavam para catequizá-los. Foi no século XIX que os fazendeiros passaram a adquirir as terras indígenas por leilões públicos, fazendo com que muitos indígenas perdessem o direito à terra e passassem a trabalhar para os fazendeiros ou vivessem em sítios, em locais de difícil acesso, o que permitiu às autoridades da época afirmar que não existiam mais indígenas na região (GOMES, 2020).

Ainda segundo Gomes (2020), a atuação dos fazendeiros na região trouxe para o município o investimento de indústrias de doces, os quais utilizavam a Serra do Ororubá para a retirada de matéria-prima, como o tomate, goiaba e outras frutas, principais ingredientes da fábrica Peixe, produtora de goiabada, onde a principal mão de obra era a indígena, de forma clandestina e com baixos salários.

Passaram-se muitos anos com essa dinâmica exploradora de trabalho. Quando o desmatamento provocou problemas ecológicos e escassez da água, as atividades industriais entraram em declínio, possibilitando aos indígenas, a retomada do seu território, conquistando apoio governamental para a instalação do posto SPI (Serviço de Proteção ao Índio) em 1954, antiga Funai (Fundação Nacional do Índio) (GOMES, 2020).

Segundo o estudo feito por Gomes (2020), as lutas pela retomada do território indígena do povo Xukuru eram concentradas na Serra do Ororubá, localizada no município de Pesqueira, onde as lideranças do povo residem e que é referência dos valores e da espiritualidade indígena; mesmo quando foram obrigados a abandonar suas terras, nunca se desvincularam do local.

Depois de muitos anos travando lutas para garantir seus direitos, os Xukuru conseguiram iniciar a demarcação de suas terras no ano de 1989, mas a homologação e demarcação do território indígena só saiu em 2001, contando com cerca de 20 aldeias localizadas na Serra do Ororubá, com a presença de açudes e dos rios Ipanema e Ipojuca (NEVES & FIALHO, 2021).

A única aldeia localizada no município de Poção é a Aldeia Pão de Açúcar (FIGURA 15), localizada nas margens do açude Pão de Açúcar, banhado pelas águas do Rio Ipojuca. Foi lugar de muita movimentação de posseiros e negociantes, também serviu de instalação para fazendeiros residirem.

Imagem 13: Aldeia Pão de Açúcar.



Fonte: Arquivo pessoal Paula Feitosa, 2022.

A aldeia Pão de Açúcar foi a última aldeia a ser homologada no processo de demarcação do território indígena, justamente por apresentarem grandes impactos dos colonizadores nos seus costumes e cultura.

A relação do povo indígena Xukuru durante a construção do Cruzeiro, aconteceu de forma discreta. Luíza Maria conta que Frei Henrique atendia a aldeia de Pão de Açúcar e falava sobre seu sonho de construir algum espaço bonito que servisse de lugar de oração, voltado para a cultura católica.

De acordo com as memórias de Luíza Maria, não houve participação dos indígenas na construção do Cruzeiro, entretanto, a cultura católica está muito presente dentro das aldeias do povo Xukuru (FIGURA 16), não tendo expressões evangélicas no seu território, mas muita devoção por Padre Cícero do Juazeiro do Norte.

Imagem 14: Aldeia Pão de Açúcar.



Fonte: Arquivo pessoal Paula Feitosa.

Eu acredito que não fez parte do nosso contexto histórico, o Cruzeiro... eu acho que ele foi feito todo à parte, pela Igreja Católica, com a intenção... a boa intenção, do frade franciscano... mas nós, povo Xukuru... nunca vi relato de ninguém do meu povo, de que houve alguma intervenção ou participação, eu não lembro... eu sei que depois da questão da colonização, dentro da Igreja Católica, nosso povo não deixou de viver a cultura. Se apropriou da Igreja Católica, imprimiu, também, a nossa identidade dentro da Igreja Católica... não deixou de vivenciar a tradição do povo, a religiosidade do povo... mas trouxe isso também para a Igreja Católica (trecho da entrevista com Luíza Maria, em 17 de agosto de 2021).

Seu Manoel José, um dos mais velhos da aldeia de Pão de Açúcar, evidenciou seu apreço por Frei Henrique, demonstrando muita gratidão e respeito ao

frade. Mas não relata sobre a participação do povo Xukuru no processo de construção do Cruzeiro. Ele conta que nos dias de feira de rua, ele subia com outros jovens para visitar, olhar o movimento e participar de alguma celebração que estava acontecendo por lá.

As ações do catolicismo nos territórios indígenas no Brasil geraram grandes marcas históricas nos diversos povos originários, tais ações exercidas objetivamente com o intuito de evangelização de um povo tido como bárbaros (KRENAK, 2020).

Em territórios onde há a existência de indígenas, muitas memórias estão vinculadas à natureza viva e presente no seu cotidiano e quando esse ambiente passa a ser utilizado por outras pessoas, por muito tempo, muita coisa se perde, aderindo ao contexto que se adquire com o passar no tempo (ACOSTA, 2016).

Durante a construção do Cruzeiro de Poção, uma mudança territorial aconteceu no tocante ao uso do ambiente, como a nova paisagem que se foi formando para a construção do santuário. A mata presente na Serra do Dunga foi derrubada para dar espaço aos ambientes oracionais, o que ocasionou uma perda não só de vegetação e habitat para diversos seres vivos, como também perdas de memórias tradicionais, o que se explica na falta de memórias referentes ao uso do espaço pelos indígenas.



## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Centro de Instrução Bíblico Visual Cruzeiro de Poção é um santuário pertencente à Igreja Católica que atua diretamente no imaginário das pessoas que vivem no município de Poção. Serve como marco histórico para o desenvolvimento local, seja no tocante ao fortalecimento e afirmação da religião predominante na cidade e na região, seja na condição de vida e melhoria da situação comercial da cidade.

Antes e durante a construção do Cruzeiro, muitas narrativas podem ser contadas, uma delas é como ele influenciou a cristalização de memórias coletivas do povo que viu toda a modificação acontecer, as quais estão atreladas a como as pessoas também enxergam a cidade.

De acordo com as memórias dos(as) entrevistados(as), o espaço sagrado está fortemente presente em momentos de crescimento pessoal e interação com a sua fé, mesmo quando não cultuam a religião do catolicismo, a qual se estabelece em todos os ambientes, enaltecendo todos os dogmas que afirmam a doutrina católica.

A construção do lugar sagrado se deu de forma unilateral, seguindo a visão profética do idealizador do espaço. As pessoas que participaram do processo acreditavam no Frei e em sua liderança, moldando-se aos seus ensinamentos e participando das atividades propostas a serem realizados no local, com incentivo espiritual, cultural, financeiro e voluntário.

O sentimento de pertencimento que as pessoas nutrem pelo Cruzeiro de Poção está ligado aos eventos de hierofania realizados no ambiente, os quais atraem a atenção de muitos fiéis, que buscam unir as pessoas a Deus, ou seja, fazer com as pessoas presentes participem de momentos que as levem ao encontro do divino.

O povo Xukuru do Ororubá, habitantes do município, não reconhecem o Cruzeiro como lugar sagrado para sua espiritualidade indígena, mesmo o reconhecendo como lugar de moradia de seus antepassados, entendem que o lugar deixou de ser indígena e passou a ser espaço de utilização cristã.

Para que o lugar de memórias contemple todas as áreas, seria viável a utilização de práticas de educação ambiental visando a utilização do espaço como

fonte de conhecimentos históricos, sociais, ambientais e culturais para, assim, as pessoas criarem vínculo de pertencimento, manutenção e utilização do santuário para além das práticas de hierofania.

A educação traria para a comunidade a integração dos diversos conhecimentos que a história do município traz consigo, unindo os conhecimentos tradicionais, coletivos e científicos, através de ações culturais que envolvessem aqueles e aquelas que têm interesse em contribuir com o lugar.

Utilizando uma metodologia transdisciplinar e holística, o Cruzeiro de Poção teria como medir as necessidades da população no momento atual, em relação ao uso e conservação do lugar de memórias, traçar metas para serem trabalhadas e promover a igualdade social por meio da educação, acesso, saúde mental e fortalecimento espiritual.

Para mais detalhamento do impacto do lugar de memória na vida da comunidade e da região, seria importante a realização de mais estudos vinculados aos temas de patrimônio histórico e cultural no município, educação ambiental em ambiente não institucional e a catalogação dos monumentos e artigos históricos presentes no Cruzeiro de Poção.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, C. Lugar de memória .... memórias de um lugar: patrimônio imaterial de Igatu, Andaraí, BA. PASOS. **Revista de Turismo y Patrimônio Cultural**. Vol. 6 Nº 3 págs. 569-590. 2008. Disponível em [http://www.pasosonline.org/Publicados/6308/PS0308\\_13.pdf](http://www.pasosonline.org/Publicados/6308/PS0308_13.pdf) Acesso em 08 nov.2020.

AQUINO, F. **A importância do Domingo de Ramos**. Canção Nova. Disponível em: <https://formacao.cancaonova.com/liturgia/tempo-liturgico/semana-santa/a-importancia-do-domingo-de-ramos/> Acesso em: 06 nov. 2020.

BRASIL. **Lei n.º 10.219, de 11 de abril de 2001**, Cria o Programa Nacional de Renda Mínima vinculada à educação - "Bolsa Escola", e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/leis\\_2001/10219.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/10219.htm) Acesso em: 19 abr. 2021.

CAPORALE, R. D. As “holocidades” – da sustentabilidade à reinvenção holística das cidades evolutivas: um caminho para promover a paz com os territórios. In: OLIVEIRA, MARCIA MARIA DOSCIATTI DE et. al. **Cidadania, meio ambiente e sustentabilidade**. – Caxias do Sul, RS, 2017.

CARVALHO, I. C. DE M. & MUHLE, R. P. Educação ambiental: o problema das classificações e o cansaço de árvores. In: **Cidadania, meio ambiente e sustentabilidade**. Caxias do Sul, RS, 2017.

CLEONICE, A. L. F. Identidade e diversidade cultural no pós-colonialismo. **Revista Expectativa**, v.16, n. 17, p. 66-83, jul./dez., 2017. Disponível em <https://e-revista.unioeste.br/index.php/expectativa/article/view/18025> Acesso 17 fev.2021

CONDEPE: Agência Estadual de Planejamento e Pesquisas de Pernambuco. **Aspectos históricos do município de Poção**. Disponível em: [http://www.condepefidem.pe.gov.br/c/document\\_library/get\\_file?p\\_l\\_id=18393234&folderId=18394117&name=DLE-89627.pdf](http://www.condepefidem.pe.gov.br/c/document_library/get_file?p_l_id=18393234&folderId=18394117&name=DLE-89627.pdf). Acesso em: 08 abr. 2021

CONRADO, B. A. **Renda Renascença: o ouro branco de Poção**. Trempe. 2020.

CRESTANI, A. M. Z. & KLEIN, R. M. M. A. Espaço, Figura e memória: adensamento dos conteúdos coletivos a materialidade da cidade. **Territórios** (36), p. 139-157. 2017. Disponível em <https://www.redalyc.org/journal/357/35749527007/html/> Acesso 09 mar.2021

DADALTO, M. C. & PAVESI, P. P. Sinais da historicidade revelados em fragmentos de memória. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, nº 1(76), p.142-157. São Paulo May/Aug. 2020. Disponível em <https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v1i76p142-157>. Acesso em: 07 abr 2021.

DIEZ, R. H. El paisaje de los dioses: los santuarios griegos de la época clásica y su entorno natural. **Aisthesis** N° 49: 67-83. 2011. Disponível em [https://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0718-71812011000100004](https://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-71812011000100004) Acesso em 27 fev. 2021

FABRINO, R. J. H. **Guia de Identificação de Arte Sacra**. IPHAN – 2012.

FIALHO, L. M. F.; BRAGA JUNIOR, V. R. S.; MONTE, R. S.; BRANDENBURG, C. O uso da história oral na narrativa da história da educação no Ceará. **Revista Práticas Educativas Memórias e Oralidades**, Fortaleza, v. 2, n. 1, p. 1-13, 2020. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3505>. Acesso em: 30 jan. 2021.

GEVEHR, D. L. A crise dos lugares de memória e dos espaços identitários no contexto da modernidade: questões para o ensino de história. **Revista Brasileira de Educação** v. 21 n. 67 out-dez. 2016. Disponível <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/3BwvJbPMpDKvB6L7pGGScvd/?lang=pt&format=pdf> Acesso em 23 abr.2021

Gil, A. H. C. de F. & Gil Filho, S. F. **O Santuário de Santa Paulina em Nova Trento (Santa Catarina – Brasil):** formas simbólicas e institucionalidade do carisma de Amabile Lúcia Visintainer. Editora UFPR. Curitiba, n. 20, p. 115-122, 2010.

GOMES, I. M. S. **Indígenas Xukuru trabalhadores na agroindústria em Pesqueira/PE:** memórias, cotidiano e história. Maceió, AL: Editora Olyver, 2020.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Ed. Centauro, 2013.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Poção**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/pocao/panorama> Acesso em: 18 abr 2022.

IZQUIERDO, I. Memórias. **Estudos Avançados**. Vol. 3 nº 6 São Paulo maio/ago. 1989. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/8522> Acesso em 15 mar.2021

JACOB, P. Educação Ambiental, Cidadania e Sustentabilidade. **Cadernos de Pesquisa**. nº 118, p. 189-205, março/ 2003. Disponível em <https://www.scielo.br/j/cp/a/kJbkFbyJtmCrTmfHxktgnt/?format=pdf&lang=pt> Acesso em 25 mar.2021

JORNAL BANDEPE. **Cruzeiro de Poção**. Acervo documental do Memorial Frei Henrique Bröker, 1987.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Editora: Companhia das Letras, 2020.

MARCOS, 15. **Crucificação de Jesus**. Versículos de 25 – 40. Bíblia Online. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/mc/15> Acesso em: 08 out 2021.

MATA, I. Estudos pós-coloniais: desconstruindo genealogias eurocêntricas. **Civitas**, Porto Alegre, v. 14, n. 1, p. 27-42, jan.-abr. 2014. Disponível em <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/view/16185> Acesso em 12 set.2021

MATTOS, J. S. & SENNA, A. K. História oral como fonte: problemas e métodos. **História**, Rio Grande, 2 (1): 95-108, 2011. Disponível em <https://periodicos.furg.br/hist/article/view/2395> Acesso em 25 mar.2021

MELO, M. B.V. **Cidade em Trânsito** /Acervo municipal de Poção. 1971.

MIRANDA L. M. **Memória individual e coletiva**. Jornal da Unicamp. Edição Web. SEG, 27 MAI 2019. Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/ju/noticias/2019/05/27/memoria-individual-e-coletiva> Acesso em: 27 out 2020.

MIRANDA, M. P. S. **Meio ambiente e avaliação de impactos ao patrimônio cultural**. Consultor Jurídico. Maio de 2016. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2016-mai-14/ambiente-juridico-meio-ambiente-avaliacao-impactos-patrimonio-cultural> Acesso em: 27 out 2020.

NEIMAN, Z.; RABINOVICI, A. & SOLA, F. A questão ambiental, a sustentabilidade e inter, pluri ou transdisciplinaridade. In: CUNHA, B.; AUGUSTIN, S. **Sustentabilidade ambiental: estudos jurídicos e sociais**. Caxias do Sul, RS, 2014. Disponível em [https://www.academia.edu/20576173/A\\_quest%C3%A3o\\_ambiental\\_a\\_sustentabilidade\\_e\\_inter\\_pluri\\_ou\\_transdisciplinaridade](https://www.academia.edu/20576173/A_quest%C3%A3o_ambiental_a_sustentabilidade_e_inter_pluri_ou_transdisciplinaridade) Acesso 25 fev. 2022

NEVES, R. C. M & FIALHO, V. Xukuru. **Povos Indígenas do Brasil**. 2021. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Xukuru> Acesso em: 15 out 2021.

PERNAMBUCO, Secretaria de Educação e Esporte de Pernambuco. **Riquezas do Agreste são mostradas na I Feira Cultural da EREM Comendador Manoel Caetano de Brito**. 2013. Disponível em: <http://www.educacao.pe.gov.br/portal/?pag=1&cat=18&art=1576>. Acesso em: 14 out 2021.

ROSENDAHL, Z. Tempo e temporalidade, espaço e espacialidade: a temporalização do espaço sagrado. **ESPAÇO E CULTURA**, UERJ, RJ, N. 35, P.09-25, JAN./JUN. DE 2014. Disponível em <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/download/18902/13700> Acesso em 25 fev.2022

SANTANA, G. S. ; SIMÕES, M. L. N. Identidade, memória e patrimônio: a festa de Sant'Ana do Rio do Engenho, Ilhéus (BA). **Revista Textos escolhidos de cultura e arte populares**, Rio de Janeiro, v.12, n.1, p. 87-102, mai. 2015. Disponível em <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/tecap/article/view/16353> Acesso em: 15 out 2021

SANTOS, B. S. Para alimentar la llama de la esperanza. **Revista Casa de las Américas** Nº 298 enero-marzo, p. 5-15. 2020.

SANTOS, B. S. Por uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, 63, Outubro 2002, p. 237-280. [https://www.boaventuradesousasantos.pt/media/pdfs/Sociologia\\_das\\_ausencias\\_RC63.PDF](https://www.boaventuradesousasantos.pt/media/pdfs/Sociologia_das_ausencias_RC63.PDF) Acesso em 15 dez. 2021.

SILVA, A. G. S. Maná, carisma e hierofania: compreensões do sagrado para a Geografia da Religião. **Revista Eletrônica Ateliê Geográfico** - Goiânia-GO, v. 13, n. 2, ago. p. 224 – 239 2019. Disponível em <https://revistas.ufg.br/atelie/article/view/55773> Acessado em 15 jan. 2022.

SOFIA, V. E. S.; CARRA, H. Z. ; CASAGRANDE, V. Formação de multiplicadores ambientais: a experiência no Município de Antônio Prado com o projeto “agentes ambientais” . In: OLIVEIRA, MARCIA MARIA DOSCIATTI DE et. al. **Cidadania, meio ambiente e sustentabilidade**. – Caxias do Sul, RS : Educs, 2017.

SOUSA, P. P. A. As geo-grafias da memória: o lugar festivo como biografia espacial. **Revista RA'E GA**, Curitiba, n. 20, p. 81-93, 2010. Editora UFPR. Disponível em [https://www.researchgate.net/publication/277874969\\_AS\\_GEOGRAFIAS\\_DA\\_MEMORIA\\_O\\_LUGAR\\_FESTIVO\\_COMO\\_BIOGRAFIA\\_ESPACIAL](https://www.researchgate.net/publication/277874969_AS_GEOGRAFIAS_DA_MEMORIA_O_LUGAR_FESTIVO_COMO_BIOGRAFIA_ESPACIAL) Acessado em 20 de jan. 2022.

TORRES, I. M. Biografia Frei Henrique Bröker, **Acervo documental do Memorial Frei Henrique Bröker**, 2016.

TRIPP, D. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ep/a/3DkbXnqBQyq5bV4TCL9NSH/?format=pdf&lang=pt> Acessado em 26 nov. 2020.

TURISMO DE LONDRES. **História**. Disponível em: <https://br.lourdes-infotourisme.com/web/BR/1406-historia.php> Acesso em: 08 out. 2021.

UEDA, N. Conheça a tradição da Via-Sacra. **Formação Canção Nova**. Disponível em <https://formacao.cancaonova.com/liturgia/tempo-liturgico/semana-santa/conheca-tradicao-da-via-sacra/> Acesso em: 18 abr. 2022.

VIEIRA, F. P. Um exercício decolonial na educação ambiental: a territorialidade em uma reserva extrativista. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, Rio Grande, v. 35, n. 2, p. 315-332, maio/ago. 2018. Disponível em <https://periodicos.furg.br/remea/article/view/7993> Acesso em 14 de abr. 2021.

VON SIMSON, O. R. M. Memória, cultura e poder na sociedade do esquecimento: o exemplo do Centro de Memória da Unicamp. **Revista Lite Fé**. Disponível em: <http://www.lite.fe.unicamp.br/revista/vonsimson.html> Acesso em: 26 out. 2020.

ZULUAGA, N. M. V. & RODAS, H. C. Lugares sagrados y altares simbólicos en Medellín. **Território** nº. 41. Bogotá, July/Dec. 2019. Disponível em <https://www.redalyc.org/journal/357/35760268011/html/> Acesso em 14 de abr. 2021

## APÊNDICE I

### ROTEIRO PARA AS ENTREVISTAS NÃO - INDÍGENAS

- 1) Nome:
- 2) Idade:
- 3) Cor/raça:
- 4) Qual a sua religião?
- 5) Você conhece o Cruzeiro de Poção? Se sim, responda: o que representa o Cruzeiro para as pessoas de Poção e região?
- 6) Você sabe como era Poção antes da existência do Cruzeiro? Você viveu esse tempo ou conhece alguém que viveu? Se sim fale um pouco de suas lembranças ou das histórias que você ouviu falar. Aquele local onde hoje existe o Cruzeiro era utilizado de que forma?
- 7) Você vivenciou ou conhece alguém que vivenciou a construção do Cruzeiro? Se sim o que você sabe desse período? Como ocorreu a construção do Cruzeiro? Quais as suas lembranças mais marcantes desse período?
- 8) Você sabe se antes da construção do cruzeiro havia alguma atividade indígena no local?
- 9) Na sua opinião, como seria Poção sem o Cruzeiro?
- 10) Você frequenta o Cruzeiro? Se sim responda: o que te leva a esse espaço? O que você costuma fazer lá? Quais os elementos daquele espaço que te atrai e por quê? Se não, responda: quais os motivos que você não frequenta? Quais os elementos que te afastam?

## APÊNDICE II

### ROTEIRO PARA AS ENTREVISTAS COM INDÍGENAS

- 1) Nome:
- 2) Idade:
- 3) Cor/raça:
- 4) Qual a sua religião?
- 5) Você conhece o Cruzeiro de Poção? Se sim, responda: o que representa o Cruzeiro para o povo Xukuru?
- 6) Você sabe como era a região antes da construção do Cruzeiro? Você viveu esse tempo ou conhece alguém que viveu? Se sim fale um pouco de suas lembranças ou das histórias que você ouviu falar. Aquele local onde hoje existe o Cruzeiro era utilizado de que forma pelos Xukurus?
- 7) Você vivenciou ou conhece alguém que vivenciou a construção do Cruzeiro? Se sim o que você sabe desse período? O que representou a construção do Cruzeiro para os Xukurus? Quais as suas lembranças mais marcantes desse período?
- 8) Na sua opinião, a construção do Cruzeiro foi algo bom ou ruim para os Xukurus?
- 9) Você frequenta o Cruzeiro? Se sim responda: o que te leva a esse espaço? O que você costuma fazer lá? Quais os elementos daquele espaço que te atrai e por quê? Se não, responda: quais os motivos que você não frequenta? Quais os elementos que te afastam?



## Apêndice III



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA  
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE PERNAMBUCO  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL E CULTURAL

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_ RG nº \_\_\_\_\_, estou sendo convidado a participar de um estudo denominado LUGAR DE MEMÓRIA E SUA RELAÇÃO COM A FÉ: UMA ANÁLISE DO CENTRO DE INSTRUÇÃO BÍBLICO VISUAL, CRUZEIRO DE POÇÃO-PE, que tem como objetivo *Compreender o lugar do Centro de Instrução Bíblico Visual Cruzeiro de Poção, na memória coletiva dos poçãoenses.* Este estudo faz parte do projeto de monografia da estudante Maria Isabel de Souza Costa, aluna da Especialização em Educação Ambiental e Cultura do IFPE campus Recife, sendo orientada pelo Prof. Nielson da Silva Bezerra e coorientada pelo Prof. Adauto Gomes Barbosa.

A minha participação no referido estudo será no sentido de **responder a um Questionário Semiestruturado apresentado pela pesquisadora.**

Estou ciente de que minha privacidade será respeitada, ou seja, meu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de qualquer forma, me identificar, será mantido em sigilo.

Também fui informado de que posso me recusar a participar do estudo, ou retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar, e se desejar sair da pesquisa, não sofrerei qualquer prejuízo.

Os pesquisadores envolvidos com o referido projeto são Isabel de Souza Costa, Nielson da Silva Bezerra e Adauto Gomes Barbosa, todos vinculados ao Curso de Especialização em Educação Ambiental e Cultural do Instituto Federal de Educa-

ção, Ciência e Tecnologia de Pernambuco, campus Recife, e com eles poderei manter contato pelos telefones: (87) 99123-8024 (Isabel Costa); (81) 99126-5530 (Nielson Bezerra) (81) 2125-1796 (Adauto Barbosa).

É assegurada, durante toda pesquisa, meu livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da minha participação.

Tendo sido orientado quanto ao teor de todo o aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do já referido estudo, **manifesto meu livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação.**

Sendo assim, autorizo ao pesquisador expor minhas palavras na íntegra e/ou em partes na pesquisa e demais publicação acadêmicas relacionadas com esta pesquisa, desde que para fins eminentemente acadêmicos e científicos, e, por uma questão ética, caso eu desista de continuar participante da pesquisa, o(a) pesquisador(a) se compromete a não publicar o conteúdo que expressei até o momento de minha desistência. Do contrário, ele(a) está plenamente autorizado(a) por a mim a fazer uso de meus relatos para a realização de seus trabalhos acadêmicos e com propósito de promover o conhecimento científico.

Eu fui informado (a) dos objetivos da pesquisa de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar.

Declaro que concordo em participar da pesquisa. Recebi uma via original deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada à oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Local \_\_\_\_\_ Data, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

---

Assinatura do(a) participante da pesquisa

---

Assinatura do(a) pesquisador(a)